

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

GLAUCIENE ANGÉLICA OLIVEIRA GONÇALVES

PLANTANDO MEMÓRIAS:

**O audiovisual como ferramenta de ensino-aprendizagem, de construção e valorização
da memória coletiva e de difusão patrimonial**

Produto Jornalístico

Mariana

2019

GLAUCIENE ANGÉLICA OLIVEIRA GONÇALVES

PLANTANDO MEMÓRIAS:

O audiovisual como ferramenta de ensino-aprendizagem, de construção e valorização da memória coletiva e de difusão patrimonial

Memorial apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dra. Lara Linhalis
Guimarães

Mariana
2019



FOLHA DE APROVAÇÃO

Glauciene Angélica Oliveira Gonçalves

PLANTANDO MEMÓRIAS: o audiovisual como ferramenta de ensino-aprendizagem, de construção e valorização da memória coletiva e de difusão patrimonial

Membros da banca

Lara Linhalis Guimarães - Doutora - Ufop-MG
Hila Bernardete Silva Rodrigues - Doutora - Ufop-MG
Evandro José Medeiros Laia - Doutor - Ufop-MG

Versão final
Aprovado em 17 de dezembro de 2019

De acordo

Lara Linhalis Guimarães



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/01/2020, às 18:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0031700** e o código CRC **18A4CC6C**.

AGRADECIMENTOS

A ansiedade pelo resultado final é sempre grande, mas hoje percebo que o trajeto percorrido em busca dele foi ainda mais importante, pois nesse longo caminho encontrei pessoas incríveis que ajudaram a definir quem sou eu.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Elciene e Glaucio, por terem me dado o dom da vida, tudo isso é por vocês e para vocês, obrigada pelo apoio incondicional, mesmo em minhas ausências. Aos meus irmãozinhos, Dafne e Juju, que mesmo com a distância sempre colorem e alegram meus dias, vocês foram e sempre serão os motivos dos meus sorrisos em meio ao caos.

Aos meus avós aqui na terra: Mainha, Vovô Hélio, e aos que me olham lá do céu: Tuica e Dedé, e a toda minha família, obrigada pelo apoio e orações, tudo isso foi fundamental para me dar forças e nunca pensar em desistir.

Ao Domício, pelo companheirismo, exemplo de força e por ter aguentado cada uma das minhas crises, fases e as várias vezes que eu disse com tom de desespero “tô formando, e agora?”. Obrigada também por me alimentar, me deixar dormir e depois me acordar pra terminar este trabalho de conclusão de curso.

A UFOP e a todos seus mestres e funcionários, obrigada por todo aprendizado e dedicação ao proporcionarem uma educação pública de qualidade, mesmo com várias forças contrárias tentando impedir que isso aconteça. Vamos continuar resistindo sempre! Ele não!

Ao Jornalismo 16.1, foi muito bom compartilhar tanto aprendizado com vocês e ver cada um trilhando seu caminho. À Ju, à Stefanny, vocês foram luz no final da minha graduação e à minha orientadora maravilhosa, Lara Guimarães, muito obrigada por sempre acreditar no meu potencial e por toda paciência e carinho, se todos os educadores tiverem um pouquinho da sua empatia e dedicação teremos um mundo melhor.

Aos meus locais de trabalho e a todos os profissionais tops da Rádio UFOP, TV UFOP e Prefeitura de Mariana, obrigada pela troca constante de conhecimento. Ao Canal Futura e aos GF's 2019, devo a vocês a melhor experiência da minha vida acadêmica e o amor pelo audiovisual e pela educação que tanto tento transmitir neste trabalho.

Sou grata também a todas as pessoas que eu conheci durante minha graduação, Outro Planeta não seria o mesmo sem vocês! Em especial à minha segunda casa, República Academia

da Cachaça e a todos seus moradores, obrigada por me aguentarem tanto tempo do sofá de vocês assistindo aos jogos de futebol enquanto escrevia este memorial. E claro, à minha amada República Decanas, a todas as moradoras e ex-alunas, obrigada por me mostrarem o verdadeiro sentido de lar e amizade, por serem minhas "irmãs de coração", por entenderem minhas ausências e me incentivarem sempre.

Ao Arthur Medrado, obrigada por abrir as portas do Olhares (IM) Possíveis para mim e por me deixar livre para criar laços e fazer parte dessa linda iniciativa, você é um exemplo de profissional e humano. E a cada um dos jovens do coletivo, meu mais sincero “obrigada”, sem vocês nada disso seria possível. Eu admiro cada um de vocês e vou sempre guardá-los com muito carinho em meu coração.

Por fim, à Ouro Preto, cidade que me acolheu e que hoje posso chamar de lar. E à toda população ouropretana, que com muita garra não deixa a magia desta cidade morrer.

“A cidade é da humanidade, mas não da comunidade”.

Autor desconhecido

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo destacar os principais procedimentos realizados no processo de realização do documentário “Plantando memórias”, que apresenta o audiovisual como ferramenta ensino-aprendizagem, de valorização e construção da memória e difusão do patrimônio. Este memorial perpassa por conceitos essenciais para compreensão sobre a interação de jovens ouropretanos com o espaço em que vivem, e também com equipamentos e ferramentas de produção audiovisual. A narrativa de execução foi pautada na ideia de que, embora reconhecer a importância da cidade para a humanidade seja fundamental, antes de mais nada, é preciso que o povo que nela vive, seu principal patrimônio, conheça essa história e, mais do que isso, nela se reconheça. Essas reflexões serão encaminhadas tendo como ponto de partida o coletivo “Olhares (IM)Possíveis”, que consiste em fazer cinema a partir da manutenção de uma horta na Escola Estadual de Ouro Preto (Polivalente), da cidade de Ouro Preto - MG. A iniciativa é desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental II, que tem entre 13 e 15 anos. Verificou-se que o audiovisual atua como agente facilitador no envolvimento do estudante com a construção e cuidado com a horta no ambiente escolar. O espaço de interação criado traz à tona aspectos referentes à pertencimento, memória coletiva, identidade e patrimônio.

Palavras-chave: Documentário; memória; pertencimento; identidade; jovens; direto à cidade;.

ABSTRACT

This research has as major objective to highlight the main procedures performed in the process of making the documentary "Plantando memórias", which presents the audiovisual as a teaching-learning tool, valorization, construction of memory and diffusion of heritage. This memorial run through essential concepts to understand about the interaction of young people from Ouro Preto with the space in which they live, and also with audiovisual production equipment and tools. The execution narrative was based on the idea that while recognizing the importance of the city for humanity is fundamental, first of all, it is necessary that the people who live in it, its main heritage, know this history and, more than that, recognize themselves in it. These reflections will be forwarded taking the collective "Olhares (IM) Possíveis" as a starting point, which consists of making cinema from the maintenance of a vegetable garden at a school in the city of Ouro Preto, called Ouro Preto State School. The initiative is developed with elementary school students, who are between 13 and 15 years old. It was found that the audiovisual acts as a facilitating agent in the student's involvement with the construction and care of the garden in the school environment. The space of interaction created brings up aspects related to belonging, collective memory, identity and heritage.

Keywords: Documentary; memory; belonging; identity; young; right to the city.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Aprofundamento do campo de trabalho	10
1.2 Relevâncias do tema	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Ouro Preto: história, território e contrastes	14
2.2 Patrimônio, memória e identidade	16
2.3 A horta escolar para além do cultivo da terra	19
2.5 Documentário: dispositivo de armazenamento da memória coletiva e representação de realidades	22
3 PAUTA ESTENDIDA	26
3.1 Ferramenta Metodológicas	27
3.3 Escolhas e Estética	31
3.1 Apresentação do produto	33
3.1.1 Storyline	33
3.1.2 Sinopse	33
3.1.3 Perfil dos Personagens	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	42
Roteiro	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na elaboração e realização de um videodocumentário que evidencie as relações de jovens da periferia com a sua cidade, Ouro Preto-MG, declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, em 1908. Apesar de toda a relevância do município, do modo como acredita Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, "grande parte da população local ainda se sente à margem da história que a elevou à condição de destaque nos cenários nacional e mundial" (PEREIRA, 2018, p.7).

Denominado “Plantando memórias”, a principal proposta deste produto audiovisual é apresentar, através do contato desses jovens com os dispositivos de produção audiovisual, o desencaixe que existe entre a Ouro Preto turística, cidade cartão-postal, e a Ouro Preto ordinária, com seus diversos planos, camadas e estruturas que existem para além do centro histórico.

Os principais personagens que fazem parte da narrativa são jovens do Ensino Fundamental II¹, de 11 a 14 anos de idade, da Escola Estadual de Ouro Preto (Polivalente), em Ouro Preto-MG. Esses jovens participam de uma oficina de vídeo, denominada “Olhares (IM)Possíveis”, que tem como principal objetivo transformar e cuidar da horta da escola, que existe há mais de 30 anos, com auxílio de ferramentas audiovisuais.

Para colher todo material necessário para produção do trabalho final participei semanalmente, desde 15/08/2019, das oficinas do projeto, totalizando cerca de 15 encontros. Nessas ocasiões, estive envolvida em diversas atividades, como aulas de prática audiovisual e trabalhos na horta. Além disso, eu usufruía dos encontros para colher os depoimentos e informações necessárias, através da técnica de entrevistas, dos métodos da observação participante e da pesquisa ação, os quais serão apresentados neste memorial.

A construção do vídeo dialoga com as ideias de Bill Nichols (2012), quando diz que as experiências com audiovisual documental são efetivas na produção de sentidos sobre a memória coletiva quanto mais se relacionam diretamente ao cotidiano das pessoas. A partir dessa ideia, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso seria também discutir sobre a

¹ Segundo o Ministério da Educação (MEC), de acordo com a lei nº 11.274, o Ensino Fundamental tem duração de 9 anos e abrange alunos até 14 anos. Os anos iniciais, denominados “Ensino Fundamental I”, compreendem a faixa etária de 6 a 10 anos de idade. E os anos finais, chamados “Ensino Fundamental II”, atendem alunos de 11 a 14 anos de idade.

educação e valorização patrimonial eficazes a partir da crença de que o indivíduo cuida daquilo que ele enxerga como algo que a ele pertence. Segundo o que consta no “Programa de Educação Patrimônio: Ouro Preto Meu Lugar”, realizado pela Prefeitura de Ouro Preto, através da Secretaria de Educação, nas escolas municipais da cidade.

Para garantir uma política pública de preservação patrimonial, é necessário não apenas pensar na proteção e salvaguarda dos bens edificados ou produzidos artística ou artesanalmente, mas também em ações capazes de levantar, reconhecer e valorizar as referências culturais dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira. (PEREIRA, 2018, p.7)

Nos tópicos a seguir, apresento informações sobre o campo de produção deste trabalho: o bairro, a escola e o projeto Olhares (IM)Possíveis, além de evidenciar a relevância do tema para a compreensão sobre as interações de ouropretanos de periferia com o espaço em que vivem e com cidade como um todo.

1.1 Aprofundamento do campo de trabalho

A escola Polivalente fica no bairro Bauxita, localizado a cerca de 3 km do centro histórico. A distância é pequena, porém o contraste social, cultural e econômico é gigante. No bairro não encontramos nenhum cartão postal, desses das imagens mentais de quando pensamos em Ouro Preto.

É importante relatar também que, segundo a direção da escola, representada pela vice-diretora Ronessa Teodoro, a instituição recebe também alunos oriundos de outros bairros periféricos, em sua maioria vindos do bairro Nossa Senhora do Carmo, conhecido popularmente como Pocinho. Esta localidade é ainda mais carente financeiramente e estruturalmente, sendo que os próprios jovens caracterizam o local como “favela”.

Na escola acontece desde 2018 atividades do coletivo Olhares (IM)Possíveis. Uma iniciativa que teve início em 2017, como um trabalho de produção teórico/prático realizado através da pesquisa de mestrado de Arthur Medrado, orientada pelas Professoras Margareth Diniz e Marta Maia no âmbito do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Naquele momento o projeto tinha como principal objetivo a elaboração de uma metodologia de intervenção através de oficinas em escolas públicas de

Ouro Preto e Mariana, mas também em grupos em festivais e vivências realizadas em São João Del Rei, Serro e Belo Horizonte.

Em 2017 e 2018 as oficinas fizeram parte das ações do Programa Sentidos Urbanos – Patrimônio e Cidadania, e também contaram com a parceria do Coletivo Mica nas ações em Mariana -MG. Nessa fase, a metodologia foi construída a partir da noção de “dispositivos”, que se caracteriza como “exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias.” (MIGLIORIN et al., 2016).

Em 2019 foi formado um “Grupo de Cinema para Cuidar da Horta” que atua de forma independente na Escola Estadual de Ouro Preto. Atualmente, o projeto acontece através da união pesquisadores, estudantes, crianças, jovens, profissionais da escola e ativistas pela educação. Juntos, todos os sujeitos experimentam práticas colaborativas de realizar cinema de grupo, tendo como direcionamento o cuidado com a horta escolar. O tema foi escolhido pelos estudantes durante uma “chuva de ideias”.

A ação “Olhares (IM)Possíveis: grupo de cinema para cuidar da horta”, é movimentada pela pesquisa de doutorado de Arthur Medrado, orientada por Cézar Migliorin no PPGCine da Universidade Federal Fluminense, e acontece com a participação de 9 estudantes do ensino fundamental II do Polivalente, a direção da escola e o Coletivo Mica. A partir do dia 15 de agosto de 2019, eu me inseri no projeto, como pesquisadora, mas também participante. Sobre minha participação, irei detalhar mais à frente.

1.2 Relevâncias do tema

Ouro Preto ainda é muito inacessível para os próprios ouropretanos, e muitos deles não conhecem verdadeiramente os pontos turísticos, a história e a relevância mundial do município, segundo acredita Pereira (2017). E, mais do que isso, muitos não se reconhecem como protagonistas da história “oficial” da cidade, tampouco se percebem no que convencionou-se chamar de patrimônio. Então, um dos objetivos deste produto é discutir sobre essas questões com os jovens para, assim, potencializar um despertar do sentimento de pertencimento pela sua cidade, instigando-os a se tornarem potentes conhecedores e difusores

de saberes sobre Ouro Preto.

É essencial criar reflexões e debates entre crianças e jovens, abordando temas relevantes como identidade, memória, patrimônio, além de incentivar a descoberta do que é patrimônio para esses sujeitos e, principalmente, fazer com que as crianças também se enxerguem como parte do patrimônio.

Segundos os estudos de José Manuel Moran (1993), ainda são escassas e fracas as produções midiáticas educativas para crianças que sejam de qualidade e que incentivem o aprendizado lúdico. Portanto, faz-se necessário que áreas da comunicação reflitam sobre esse tema e pensem e concedam mais atenção para esse público. Produções midiáticas educativas para e com crianças contribuem para a formação de pensamento crítico, de forma que no futuro elas se tornem consumidores de informações ativos e reflexivos. Pensar nesse público e refletir sobre o papel da comunicação na formação das crianças é imprescindível para nossa formação profissional como comunicadores sociais.

Em uma sociedade em constante transformação e cada vez mais tecnológica e conectada, se faz necessária a criação de formas estratégicas de difusão da aprendizagem. Para Moran (1993), o vídeo é uma ferramenta que tem extrema importância como recurso educativo, e é de grande aceitação das pessoas, em especial entre as crianças, estudantes e educadores.

Já há algum tempo, o vídeo e as demais tecnologias fazem parte, não raro, das salas de aula, o que, segundo Moran (2007), auxilia na aprendizagem como ferramenta didática e lúdica, funcionando como ativadores do senso crítico.

As tecnologias são as pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes. (MORAN, 2007, p.164)

Sendo assim, o vídeo pode ser usado como recurso para educar, interagir e contribuir para o aprendizado e o conhecimento das crianças acerca do mundo ao seu redor: sobre sua cidade e tudo de importante que existe nela. Por estes motivos, a ferramenta é escolhida como agente facilitador no coletivo Olhares (IM)Possíveis.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo traremos os principais conceitos que amparam a produção deste documentário. No primeiro tópico, apresentaremos um pouco sobre a história de Ouro Preto, seu reconhecimento patrimonial e os contrastes entre a Ouro Preto cartão-postal e as periferias. Na segunda parte, discutiremos o que de fato estamos considerando como patrimônio e sua relação com a construção da identidade e memória coletiva. No terceiro tópico, falaremos sobre a importância das hortas escolares, tanto no sentido das dimensões cognitivas e dos conhecimentos acerca do meio ambiente, quanto no das subjetivas, que surgem no estreitamento de vínculos com a natureza, as pessoas e os alimentos. No quarto, apresentaremos as diversas potencialidades do documentário, principalmente como ferramenta que auxilia no processo de ensino-aprendizagem e dispositivo de armazenamento da memória coletiva.

2.1 Ouro Preto: história, território e contrastes

Segundo os estudos de Kleverton Teodoro de Lima (2009), o surgimento da cidade de Ouro Preto-MG está diretamente ligado ao chamado Ciclo do Ouro e o descobrimento das minas de ouro, que teve seu início no final do século XVII. Em 1711, através da união de diversos arraiais, a área que hoje conhecemos foi elevada à categoria de vila, denominada então Vila Rica. Cerca de uma década depois, passou a ser considerada a capital de Minas Gerais. Porém, a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, em 1897, fez com que a cidade de Ouro Preto ficasse de certa forma estagnada e que seu povo perdesse o reconhecimento da relevância do lugar. O vínculo identitário da população com o patrimônio tombado se deu, segundo Banducci & Barretto (2001), a partir de 1933, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN²), órgão responsável pela proteção patrimonial.

Ouro Preto está entre os primeiros bens tombados pelo então SPHAN, em 20 de janeiro de 1938. Como destaca Lima (2009), o reconhecimento do tombamento foi uma forma dos moradores redescobrirem a sua importância no contexto nacional.

² O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inicialmente chamado de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), foi fundado em 13 de janeiro de 1937, ligado ao Ministério da Educação e Saúde, por meio da lei nº 378, por ordens do então presidente Getúlio Vargas.

A antiga capital se reconstruiu a partir de três setores: os remanescentes, que permaneceram na cidade por razões distintas, os migrantes de regiões próximas, e uma nova leva de estudantes que se caracteriza por população flutuante. Esses grupos sociais tinham a necessidade de reconstruir as redes de sociabilidade, a partir de interesses próprios, criando assim uma identidade de valores e práticas culturais que aproximaria Ouro Preto, de um novo conceito de cidade que ressurgia. (LIMA, 2009, p.12).

Hoje com cerca de 70 mil habitantes, a cidade é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO e reúne um dos conjuntos históricos-arquitetônicos mais importantes do barroco brasileiro. “O acervo patrimonial da cidade é formado por monumentos, chafarizes, pontes, museus, além de esculturas e ornamentos religiosos, que constituem grande parte da memória e da cultura local, que representam um importante papel na história e tradição brasileira” (BRUSADIN, 2012, p. 82).

A cidade se mantém principalmente do turismo e seus monumentos são visitados por pessoas de todo o mundo. Porém, o que parece não ficar evidente para a maior parte das pessoas que visitam a cidade é que para além do centro histórico, Ouro Preto tem diversas periferias, tanto no sentido espacial (distância em relação ao centro), como no sentido econômico (disparidade econômica).

Quem caminha somente no centro histórico, e não se atreve a cruzar os becos e vielas, subir e descer seus morros, se conecta apenas com a experiência de uma Ouro Preto cenário Barroco. O que muitos não sabem, nem percebem, é que estão diante de apenas uma parte da cidade, que isso é, de fato, um simulacro de uma Ouro Preto do passado, tempo que já passou. Uma Ouro Preto para movimentar a economia e que o ouro-pretano dos bairros periféricos pensa nem poder frequentar. Uma cidade cheia de belezas monumentais, mas que segrega corpos e não está acessível para sua própria gente. (MEDRADO, 2019, p.9).

A cidade de Ouro Preto e o estado de Minas Gerais como um todo sempre mantiveram uma grande população escrava desde o período colonial até a abolição. Segundo Rangel (2005) “em 1767 viviam na região cerca de 126.603 escravos, o que correspondia a 60,7% da população total. Embora o percentual de escravos no conjunto da população mineira tenha caído para 35,4% em 1821, o contingente cativo continuou sendo o componente da mão-de-obra mais importante da economia de Minas” (RANGEL, 2005, p.1), através dos

árduos e desumanos trabalhos nas minas de ouro e minério de ferro. Assim, Ouro Preto foi, até o final do século XIX, a maior detentora de escravos do Brasil.

Segundos dados da Prefeitura Municipal de Ouro Preto³, 70% da população atual da cidade se declara negra. Tais fatos apresentados remetem à afirmação de Benjamin (1985, p.225-226), de que "Nunca Houve um monumento à cultura que não fosse também um monumento à Barbárie."⁴, Ouro Preto foi uma cidade construída através da luta e do sofrimento do povo negro e, transpassadas nos contrastes, contradições e desigualdades que rodeiam a cidade, essas marcas permanecem ainda hoje. Dentro disso é válido destacar que a maioria dos jovens que são personagens deste trabalho se declaram e se identificam como negros e "favelados". É sobre esse processo de construção de identidade, pertencimento e construção de memórias que aprofundaremos no próximo tópico.

2.2 Patrimônio, memória e identidade

Segundo Françoise Chaoay (2003), a noção de patrimônio, assim como a ideia de nação, se funda no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa. A palavra patrimônio tem origem no latim "patrimonium", "com sinônimo de herança paterna, bens de família, bens necessários para ordenar um eclesiástico, dote dos ordinandos, propriedade" (MOREIRA, 2006, p.128). O conceito de patrimônio nasceria então, como acredita Carlos Moreira (2006), para dizer sobre um legado que era recebido dos nossos antepassados, e que deveria ser transmitido às gerações futuras. Esta noção de patrimônio ligada à ideia de posse nos remete, imediatamente, que estamos diante de algo de valor.

Valor que os seres humanos, tanto individual, como socialmente, atribuem ao legado material do passado, valor no sentido do apreço individual ou social atribuído aos bens patrimoniais numa dada circunstância histórica e conforme o quadro de referências de então. Neste sentido, o patrimônio é, e a este respeito existe hoje um consenso generalizado, "uma construção social" (MOREIRA, 2006, p.128).

Ainda segundo o autor, a ideia de patrimônio é estabelecida então, através da concepção de uma "construção patrimonial". Esse processo se dá a partir do indivíduo e de suas relações com o todo (o espaço e todos os demais itens que o cerca.).

³ Informação coletada em: www.ouropreto.mg.gov.br/index.php?page=noticia&id=490

⁴ A passagem se encontra no livro "Magia e técnica, arte e política" de Walter Benjamin, mais precisamente na parte intitulada "Sobre o Conceito de História" Ver: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Neste contexto, toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade, de uma identidade “manufaturada” pelo presente que a idealiza (MOREIRA, 2006, p.129).

O patrimônio abrange alguns elementos que formam a identidade de um grupo e também aqueles que os diferenciam dos demais, em um processo atemporal. Segundo Moreira (2006), através do patrimônio, o indivíduo retira um pedaço de passado, sob a forma de símbolos pessoais, em relação aos quais percebe, muitas vezes, uma vinculação direta. E, além disso, o patrimônio funciona como um instrumento de composição da identidade dos indivíduos, um instrumento de afirmação e legitimação de grupos sociais, do modo como entende Llorenç Prats (1997).

A valorização dos referentes patrimoniais pela população segue em parte, implicitamente, os mesmos princípios de legitimidade que terá adquirido em seu processo de aprendizado cultural (natureza, passado e gênio), mas outro princípio adquire um valor ainda mais relevante: o significado. Certos objetos, lugares e manifestações, patrimoniais ou não, se relacionam fortemente com a biografia dos indivíduos e suas interações. (PRATS, 1997, p.7)

As escolhas sobre o que é ou não patrimônio são perpassadas por relações de poder, e nem sempre todos os indivíduos se identificam com essas determinadas escolhas. O conceito de patrimônio extrapola a ideia do que está tombado ou registrado. A principal relação está no valor atribuído a esses bens.

O patrimônio tem a ver com a memória, pois ambos vieram do passado e se mantêm no presente. Pois, de acordo com Jacques Le Goff (1990), a memória atua armazenando informações, por isso está diretamente relacionada com o passado, já que contribui para que ele não seja totalmente esquecido. O mecanismo nos permite atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. O passado só permanece em nossa vida através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória viva.

As lacunas dessa memória individuais, são preenchidas pelas memórias familiares, as coletivas, pois elas são responsáveis por nos introduzir no universo das lembranças sociais e nas memórias que representam a formação e a preservação da cultura de um determinado povo. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p.477). O autor ainda acrescenta que esta memória coletiva é responsável pelo estabelecimento de relações de poder e hierarquia, no que se diz respeito ao reconhecimento de itens importantes para um determinado grupo social.

a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p.477)

O patrimônio e a memória coletiva ou individual também estão diretamente ligados à identidade, ou melhor, às plurais identidades. Nesse aspecto, o conceito de identidade pode ser compreendido como “o conjunto de costumes e crenças herdadas de seus antepassados, cuja a conservação forma a memória de cada povo, que é manifestada por meio de seus patrimônios.” (SOARES e KLAMT, 2008, p.7). Para Castells (2003) toda e qualquer identidade se dá a partir de um processo de construção, que se estabelece através de um processo específico, levando em conta sua origem, finalidade e peculiaridades.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço. (CASTELLS, 2003, p. 23)

Soares e Klamt (2008), destacam que o patrimônio, bem como seu reconhecimento, trata-se também de uma construção, que por sua vez requer um tempo para ser absorvida e ser reconhecida de fato como algo pertencente à comunidade a ela relacionada.

Nada é criado para torna-se patrimônio, é necessária a identificação da comunidade com este bem, de modo que se torne uma marca, um referencial que conta sua história e a destaca das demais comunidades. Por outro lado, o patrimônio é inventado e reinventado, de maneira que existe um aspecto político na seleção daquilo que as comunidades consideram - ou não - sua herança cultural. A preservação de tais bens passa a ser algo fundamental para conservação de sua memória. A formação de uma atitude cidadã em respeito aos patrimônios é um processo lento e gradual e com diversas dificuldades. (SOARES e KLAMT, 2008, p.7)

As ideias de construção de patrimônio, memória e identidade aparecem diretamente neste trabalho quando pensamos e colocamos a relação da escola e dos alunos com a horta, pois o local foi escolhido para ser alvo de trabalho dos jovens a partir de um processo de identificação da comunidade escolar, bem como da externa: a horta faz parte da história, memória e identidade dos sujeitos envolvidos. No tópico a seguir faremos mais apontamentos que explicam os possíveis potenciais da horta, os quais a levaram a ser escolhida como local de atenção, pertencimento, apropriação afetiva e patrimonial e valorização territorial.

2.3 A horta escolar para além do cultivo da terra

Horta remete a terra, e terra remete à memória e tradição. O cultivo de hortaliças foi introduzido no Brasil pelos portugueses, no primeiro século após a invasão de Pedro Álvares Cabral à Porto Seguro (ALMEIDA, 2016). Desde então o cultivo da terra é uma das principais atividades que movimentam a economia do país. Além disso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, cerca de 10,5 milhões de pessoas no Brasil trabalham na produção para consumo próprio da família ou de parentes, principalmente em cidades de pequeno porte e dos interiores, como é o caso de Ouro Preto.

Como aponta Coelho e Bógus (2016), atualmente, o resgate do vínculo do alimento com a natureza é algo defendido para a ampliação de ações educativas na área de alimentação. Juntamente com isso a criação e manutenção de hortas escolares também tem sido defendida por teóricos e educadores por ser uma iniciativa que contribui para o desenvolvimento dos seres humanos, considerando dimensões cognitivas e conhecimentos acerca do meio ambiente

⁵ Pesquisa emitida pelo IBGE no dia 07 de dezembro de 2017, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua ao longo de 2016. Acessada em: g1.globo.com/economia/noticia/105-milhoes-de-brasileiros-produzem-algo-para-consumo-proprio-revela-ibge.g.html

e sustentabilidade e também subjetivas, que surgem no estreitamento de vínculos com a natureza, as pessoas e os alimentos (COELHO; BÓGUS, 2016).

Silva e Fonseca (2011) destacam que a horta, “ao se constituir em prática pedagógica que envolve, além do aspecto cognitivo, a subjetividade, a emoção, a articulação entre os diversos saberes disciplinares e o contexto no qual se insere, enriquece o leque de opções do estudante e dá mais autenticidade a sua autonomia.” (2011, p. 50).

Ao tratarmos a horta escolar como um espaço para além do cultivo de hortaliças e plantas, destacamos as relações afetivas e também a reflexão de valores como respeito, cuidado, paciência e colaboração e a construção de uma identidade de pertencimento ao espaço escolar. Segundo Mattos (2018) através do cultivo das hortas escolares estabelecem também “relações de confiança, interdependência e colaboração, com desenvolvimento da percepção de que nada fazemos isoladamente: as plantas não crescem por si sós, o solo não enriquece por si só, seres humanos não se desenvolvem por si sós. Tudo se integra. Tudo se relaciona.” (MATTOS, 2018, p.15).

Ao falarmos sobre a horta como um dispositivo de múltiplos sentidos, onde tudo pode ser relacionado apresentamos também seu potencial para ser um campo e uma temática para a produção audiovisual, local este escolhido pelos próprios sujeitos produtores. “No projeto Olhares (IM)Possíveis fazemos cinema para cuidar da horta. Aqui todos nós colocamos a mão na terra e a mão na câmera”⁶. No próximo tópico discutiremos mais sobre o vídeo suas utilidades como ferramenta de ensino aprendizagem e representação do cotidiano e das realidades.

2.4 O vídeo como ferramenta de ensino aprendizagem

Nos dias atuais, estamos cada vez mais conectados e imersos em tecnologias, vivemos a chamada “sociedade da informação” (CASTELL, 2003), nela todos estamos reaprendendo a conhecer, a se comunicar, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora

⁶ Fala de Arthur Medrado durante uma oficina no dia 19 de agosto de 2019.

todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. Passamos muito rapidamente do livro para a televisão e vídeo e destes para o computador e a Internet, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio (MORAN, 2000).

Ainda pensando neste novo contexto temos o vídeo como uma ferramenta que cada vez mais invade as salas de aula e os ambientes escolares agindo como uma possível ferramenta de ensino-aprendizagem para crianças e jovens.

O vídeo está chegando à sala de aula. E dele se espera, como em tecnologias anteriores, soluções imediatas para os problemas crônicos do ensino-aprendizagem. O vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional. (MORAN, 1993, p.33).

A aprendizagem significativa por meio dos vídeos é um desafio constante. Para Moran (2007), o vídeo proporciona para os jovens, bem como aos educadores e comunicadores, a oportunidade de entender melhor e mais amplamente o significado de cada sujeito dentro da sociedade, para ajudar na sua democratização, onde cada pessoa possa exercer integralmente a sua cidadania, além de compreender conceitos essenciais como suas memórias individuais e seu sentimento de pertencimento. Para o autor, o vídeo é:

sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial- cinética, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN,1993, p.2).

Para Moran, o vídeo, na percepção das crianças e jovens, significa descanso e não “aula”. O que para o autor faz com que a postura e as expectativas em relação ao seu uso sejam modificadas, facilitando ainda mais os retornos positivos que se espera da ferramenta. “Vídeo significa também uma forma de contar multilinguística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, mais próxima da sensibilidade e prática do

homem urbano e ainda distante da linguagem educacional, mais apoiada no discurso verbal-escrito.” (MORAN, 1993, p.27)

Essas ideias do vídeo como ferramenta de ensino-aprendizagem se encaixam acertadamente com os ideais do coletivo Olhares (IM)Possíveis e com a forma como as oficinas e boa parte das atividades são realizadas com as crianças e jovens.

2.5 Documentário: dispositivo de armazenamento da memória coletiva e representação de realidades

É através de um intenso contraste entre passado e presente que o vídeo se estabelece como dispositivo de construção da memória coletiva de um determinado grupo. “Os documentários contribuem para eternizar o passado e manter vivos, rememorados, os traços das nossas origens.” (MOMBELLI e TOMAIM, 2012, p.33).

Ainda segundo Mombelli e Tomaim, na sociedade atual, esta ferramenta está sendo cada vez mais acionada, pois vivemos em uma época em que a valorização da memória é muito constante, o seu registro através do audiovisual também tem ganhado maior adesão. Isso se deve principalmente à popularização de vários dispositivos de captação de som e imagem em movimento, que se tornaram importantes ferramentas para a comunicação e interação social.

Michel Pollak acredita que o filme é a melhor forma de “captar as lembranças confeccionadas em objetos de memória de hoje, ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções.” (POLLAK, 1989, p.10). Para o autor, enquadrar a memória através do registro audiovisual é uma contínua ressignificação do passado, conforme os interesses de quem a faz e em função do presente e do futuro.

É no documentário também que a força da tradição oral, as histórias dos indivíduos, bem como suas concepções patrimoniais ganham espaço. “O que consagra o gênero como um dispositivo capaz de nos dar acesso, mesmo que limitado, aos traços afetivos que compõem a memória.” (MOMBELLI e TOMAIM, 2012, p.53).

Inúmeros fatores condicionam a produção de documentários que vão de fato dizer sobre uma memória coletiva e sobre um determinado patrimônio estabelecido por um grupo, pois a produção dos filmes acessa as lembranças dos personagens sociais, os quais conduzirão

o enredo e a moldura da representação, conforme seus princípios, influenciando assim a ressignificação do passado rememorado naquela peça audiovisual.(MOMBELLI e TOMAIM, 2012). Apesar dessas nuances podemos afirmar que todas memórias e patrimônios coletivos precisam de alguma forma serem materializados e nada melhor para isso do que o documentário através de todos os seus potenciais de representação do real.

Em consonância com essa ideia, Bill Nichols (2012) afirma que o documentário é uma representação do mundo em que vivemos. Para ele, “a definição de documentário é sempre relativa ou comparativa” (NICHOLS, 2012, p.47), ou seja, aí está a possibilidade de uma definição de documentário em contraste com a de filme de ficção ou experimental, os quais, na maioria das vezes, giram em torno de uma representação criativa da realidade proposta.

Por outro lado, existem também inúmeras outras particularidades do formato no que diz respeito às técnicas utilizadas, formas, modos e estilos. A definição por contraste, então, é insuficiente, considerando inclusive que há documentários que tensionam as fronteiras arbitrárias entre o que é ficcional e documental.

Mais do que proclamar uma definição que estabeleça de uma vez por todas o que é e o que não é documentário, precisamos examinar os modelos e protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais nessa imensa arena em que atua o documentário. (NICHOLS, 2012, p.48)

O autor também propõe pensar a definição de documentário através da sua origem, das instituições que atuam na sua produção, dos profissionais envolvidos e do público-alvo, para assim melhor classificá-lo. Além disso, cabe ao documentário algumas convenções como a utilização de entrevistas, a presença de personagens sociais e cotidianos, e imagens de ambientação.

Assim como Nichols, Fernão Pessoa Ramos (2008) também apresenta a ideia de que o documentário é desenhado a partir da intenção do autor em pensá-lo e produzi-lo. Para ele, discutir sobre essa indexação social na definição do que é um documentário permite a reflexão sobre a recepção de um filme por parte da sociedade.

Ao entrarmos no cinema, na locadora ou quando sintonizamos o canal a cabo, sabemos de antemão se o que vemos é uma ficção ou um documentário. A intenção documentária do autor/cineasta, ou da produção do filme, é indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção. (RAMOS, 2008, p.27)

Outro aspecto importante na compreensão do formato é o que Nichols (2012) chamou de “modos do documentário”, os quais: o modo poético, o expositivo, o observativo, o participativo, o reflexivo e o performático. Ainda segundo o autor, esses modos estão ligados a recortes históricos plurais na evolução desta linguagem cinematográfica, que gradativamente passou a ser denominada como cinema documentário.

Nichols destaca ainda que os documentários falam do mundo histórico através de imagens e sons e por isso tentam representar aspectos, questões, características e conflitos encontrados em tal mundo (NICHOLS, 2012, p.72). A escolha do formato documentário para trabalhar questões como patrimônio e preservação patrimonial está amparada nesta ideia, considerando que o objetivo da produção é destacar algumas questões dos conflitos no que diz respeito ao reconhecimento do cidadão ouropretano, especialmente as crianças, como parte do patrimônio.

A construção de metáforas sobre o reconhecimento e pertencimento no documentário serve como lances discursivos sobre esses valores e práticas sociais com os quais esses jovens ouropretanos podem lidar de forma tensa, ao observarmos o grande distanciamento e contrastes entre a Ouro Preto cartão-postal e as periferias. O que, segundo o autor, diz muito sobre a capacidade do documentário de ativar nossa “consciência social”.

Em geral, portanto, podemos dizer que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos. Documentário não recorre primeira ou exclusivamente à nossa sensibilidade estética: ele pode divertir ou agradar, mas faz isso em relação ou esforço retórico ou persuasivo dirigido ao mundo social existente. O documentário não só ativa nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social. (NICHOLS, 2012, p.102)

De acordo com Michael Pollack (1989), conseguimos perceber também outro poder do documentário: sua qualidade de fonte do conhecimento histórico e de agente da história. “Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e, portanto, no enquadramento da memória” (POLLACK 1989, p. 9). Com isso, podemos destacar que o formato é um instrumento capaz

de produzir a manutenção e o resgate da memória, de refazer os fatos e transmitir emoções a partir do conjunto das imagens e dos sons.

3 PAUTA ESTENDIDA

A ideia de produção deste trabalho de conclusão de curso surgiu a partir das minhas observações e problematizações individuais derivadas das vivências na cidade de Ouro Preto, onde escolhi viver meus quatro anos de graduação em jornalismo. Esse despertar aconteceu mais precisamente em um dia que eu caminhava pelas ruas da cidade e li a seguinte mensagem grafitada em um muro qualquer: “a cidade é da humanidade, mas não da comunidade”. A partir daquele momento, comecei a enxergar Ouro Preto com outros olhos e foram surgindo inúmeras questões: quem são aquelas pessoas fazendo milhares de fotografias na famosa Praça Tiradentes? Quem são as pessoas que estão frequentando os restaurantes e cafés instalados nos casarões históricos? Com apenas algumas horas de reflexão pude concluir que existiria só uma pequena (quase nula) chance de aquelas milhares de pessoas que lotam, todos os dias, o centro histórico, os museus, restaurantes e demais espaços tidos como públicos; serem ouropretanas. Constatei também que esta questão poderia estar ligada à preservação e valorização patrimonial.

Para dar início à caminhada, primeiramente realizei uma pesquisa prévia sobre os conceitos de patrimônio, sobre as histórias de Ouro Preto, sobre os modos de estabelecer relações de pertencimento e sobre minhas inquietações, algumas delas citadas acima. Realizei esta busca através de alguns referenciais teóricos selecionados e citados neste memorial e também a partir de outros trabalhos de conclusão de curso e demais produções acadêmicas, que vão ao encontro da minha. O segundo passo foi procurar um caminho adequado para ter acesso aos meus principais personagens e responsáveis pela construção deste trabalho: os jovens ouropretanos. Para isso, dediquei-me a pesquisar projetos de extensão, movimentos sociais e programas que fazem ações de educação patrimonial na cidade voltados para crianças e jovens. A partir deste levantamento tomei conhecimento do projeto “Olhares Impossíveis”.

3.1 Ferramenta Metodológicas

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso foram utilizadas algumas ferramentas metodológicas que contribuíram para emoldurar alguns caminhos de pesquisa,

bem como otimizar os resultados. São elas: a observação participante (método próprio de pesquisa etnográfica) e os preceitos da pesquisa ação.

Como citado acima, este trabalho surgiu a partir das minhas inquietações e do desejo de conhecer melhor esse território desconhecido e contrastante chamado Ouro Preto. Partiu do meu olhar de habitante temporária nesta terra que é de muitos e ao mesmo de ninguém.

Esse olhar que “estranha”, aberto que estava ao choque cultural, é um dos pressupostos da pesquisa etnográfica. Segundo Eckert e Rocha (2008), esse tipo de pesquisa de campo “consiste em estudarmos o outro, como uma alteridade, mas justamente para conhecer o outro. A observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor.” (ECKERT e ROCHA, 2008, p.4)

Para conhecer este outro, precisei buscar sujeitos ouropretanos para me contar essas outras histórias possíveis sobre a cidade, para então conseguir iniciar meu entendimento sobre as práticas sociais e as problematizações propostas. De acordo com Eckert e Rocha (2008) essa aproximação seria o primeiro passo para a aplicação de uma pesquisa etnográfica eficaz.

[...] após a elaboração de um projeto com tema pertinente ao campo de conhecimento antropológico e orientado por um(a) professor(a) que lhe iniciará na pesquisa etnográfica, a primeira atitude do(da) jovem cientista é aproximar-se das pessoas, dos grupos ou da instituição a ser estudada para conquistar a concordância de sua presença para a observação sistemática das práticas sociais. (ECKERT e ROCHA, 2008, p.3)

Feita essa aproximação comecei a me deslocar da minha própria cultura para conseguir me situar no interior do fenômeno que ali eu me propunha investigar e conhecer. Fiz isso através da participação efetiva nas formas de sociabilidade dos jovens que são personagens neste trabalho, o que se deu a partir da participação semanal nas oficinas do coletivo Olhares (IM)Possíveis.

Meu “interlocutor principal”, Arthur Medrado, foi quem abriu as portas do projeto para que eu tivesse a chance de conhecer a realidade e a história de vida dos jovens que possibilitaram a existência deste trabalho. Arthur dividiu comigo o trabalho de sua vida e deixou que eu mesma caminhasse sozinha e fosse conquistando cada um dos pequenos produtores audiovisuais.

Antes de começar a frequentar os encontros do projeto eu pensava que iria até a escola somente algumas vezes para cumprir a lista de entrevistas e imagens necessárias, porém logo após o primeiro dia com as crianças percebi que não seria bem assim, que eu teria que conquistar a confiança e a intimidade de cada um aos poucos.

O que está em consonância com o que Amaro (2005) acredita ser um dos pressupostos da observação participante, método clássico da pesquisa etnográfica. Este método supõe a presença prolongada do jornalista investigador nos contextos sociais escolhidos para análise e o contacto direto com as pessoas e situações que existem neste meio. (AMARO, 2005).

Enxerguei também que essa conquista só iria acontecer a partir do momento em que eu fizesse parte da rotina deles a ponto de chegar 10 minutos atrasada em uma semana e ouvir de um dos alunos: “Está atrasada, ‘fessora’, achei que você não viria hoje.”⁷. Decidi que o diferencial do meu trabalho seria criado a partir das realidades que eu conheceria e transmitiria ao final de forma natural e humana.

“O jornalista recolhe dados com a sua participação quando usa esse método, não apenas por meio de entrevistas e do que vê, mas também através do que vive enquanto observador que participa.” (AMARO, 2005, p.3). Cada dia de oficina era uma surpresa, pois tudo dependia do humor e animação das crianças, houve dias em que duas horas de atividades era muito pouco para o tanto que gostaríamos de produzir. Outros dias, as carinhas estavam tristes e sem ânimo. Com isso, íamos criando juntos qual seria o cronograma de atividades do projeto, e como seriam feitas as minhas intervenções. Houveram dias intensos de entrevistas, em outros nos dedicamos a trabalhar e fazer imagens na horta, além daqueles dias em que ficávamos apenas conversando ou brincando de mímica. Porém, nenhum dia foi menos importante do que o outro, do ponto de vista das interações que criávamos, que apontavam sempre para uma certa intimidade construída um dia após o outro. Isso foi fundamental para que eu pudesse traduzir o ponto de vista dos que Jorgensen chamou de “insiders”.

A metodologia da observação participante concentra-se nos significados da existência humana enxergada do ponto de vista dos insiders. O mundo do cotidiano enxergado através do ponto de vista dos insiders é a realidade fundamental a ser descrita pelo observador participante (JORGENSEN, 1989, p.14).

⁷ Fala de Pedro Henrique da Silva durante uma oficina no dia 19 de setembro de 2019

A forma como se conseguem essas respostas através da observação participante é o que difere do modo padrão no jornalismo diário. O pesquisador também colhe *in loco* as informações para o determinado estudo, mas com uma particularidade: ele pode participar e ao mesmo tempo fazer parte da sua própria pesquisa, ultrapassando o simples “responder perguntas” que faz parte da sua rotina diária, mas também podendo experimentar o que vai contar.

Para além da observação participante, a inspiração dos preceitos da pesquisa-ação foi essencial na compreensão do meu papel junto aos integrantes do projeto de fazer cinema para cuidar da horta (Olhares (IM)possíveis).

Segundo Brown (2001), a pesquisa-ação é um termo que se aplica a projetos em que os pesquisadores buscam efetuar transformações em suas próprias práticas. Portanto, segundo o autor, o método é aplicado quando existe algum tipo de reflexão sobre a ação.

Sobre essa participação mútua e essa troca, Thiollent (2011) acrescenta que a metodologia surge e é desenvolvida “em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p. 20). Ou seja, é um método de pesquisa que estabelece uma ponte entre teoria e prática, ao promover, simultaneamente a produção de conhecimento.

Para Dionne (2007) a pesquisa-ação é uma “prática que associa pesquisadores e atores em uma mesma estratégia de ação para modificar uma dada situação e uma estratégia de pesquisa para adquirir um conhecimento sistemático sobre a situação identificada” (DIONNE, 2007, p. 46). O autor ainda destaca que as principais características deste método são: (a) estreitamento da relação entre teoria e prática; (b) favorecimento das alianças e comunicações entre pesquisadores e atores; (c) dupla natureza da ação – conhecimento a desenvolver (pesquisa) e situações a modificar (ação); (d) produção de novo saber na ação e para a ação; e (e) contribuição ao processo de tomada de decisão com vistas à resolução de problemas (DIONNE, 2007, p.47).

De fato, a todo momento eu estive preocupada em dar algum retorno para o meio em que eu estava me inserindo e para os personagens que contribuíram e abriram suas realidades para mim. Vale destacar neste momento que eu pretendo continuar contribuindo com o projeto, nem que seja de uma maneira indireta ou menos frequente, pois sinto que atualmente

não consigo mais me enxergar somente como uma pesquisadora, mas sim como integrante ativa do projeto, compartilhando dos mesmos ideais e aberta aos sonhos de cada um dos sujeitos que a ele estão relacionados.

3.2 Breve Descrição de Campo

A partir dos meus levantamentos tomei conhecimento durante a primeira etapa do Trabalho de Conclusão de Curso I, no primeiro semestre de 2019, do “Programa Municipal de Educação e Patrimônio: Ouro Preto, Meu Lugar”. Entrei em contato com a idealizadora e coordenadora da iniciativa, Cláudia Pereira, e marcamos uma reunião presencial. No dia 20 de março de 2019 me reuni com ela e outras três pessoas da coordenação do projeto, na Casa do Professor, em Ouro Preto. Na ocasião, primeiramente apresentei para elas a proposta do meu TCC e posteriormente elas me contaram qual é a proposta do programa. Tive acesso também ao projeto escrito, o qual foi usado na elaboração deste memorial. No mês seguinte comecei a acompanhar de forma observativa as oficinas do programa na Escola Municipal Monsenhor João Castilho Barbosa, e fiz cerca de 6 visitas semanais na escola. Porém, com o passar do tempo eu fui ficando um pouco desmotivada e não sentia muita vontade de continuar acompanhando tal programa, pois sentia que as atividades estavam se tornando monótonas e eu não me sentia muito livre para produzir e conhecer mais a fundo meus personagens, eu estava somente seguindo o cronograma do programa. Ao fim do semestre, quando minha banca intermediária ia se aproximando, eu fui repensando os ideais e objetivos do meu trabalho e comecei a sentir que aquele projeto não era na verdade o que eu estava procurando e que eu não conseguia me sentir à vontade para produzir. Após a análise e comentários que eu recebi durante a banca avaliadora intermediária, que aconteceu no mês de junho 2019, concluí que realmente eu precisava ir em busca de outros projetos, outros ambientes, outros sujeitos que poderiam ser o ponta pé para minha produção, a luz no final do túnel e o desejo de caminhar.

No dia 12 de julho de 2019 entrei em contato com o idealizador e coordenador do coletivo Olhares (IM)Possíveis, Arthur Medrado, pessoa que eu já havia tido contato em outra vivência em audiovisual, pois trabalhamos juntos na TV UFOP. Na ocasião, primeiramente, apresentei para ele a proposta do meu TCC e posteriormente ele me contou de forma

detalhada e sensível qual era a proposta do programa. Tive acesso também ao projeto escrito, o qual também foi usado na elaboração deste memorial. Ao final da reunião, firmamos uma parceria e concluímos que poderíamos nos ajudar mutuamente, respeitando a autonomia de cada um e deixando claro qual era minha proposta inicial, que era conhecer e transmitir a relação de crianças e jovens com a cidade de Ouro Preto e com todo o ambiente que os cercam, descobrindo os outros lugares de valor que existem para além da Ouro Preto cartão-postal.

No mês seguinte comecei a acompanhar as oficinas do “Olhares IM(possíveis) na Escola Estadual de Ouro Preto, tendo ido à escola todas as quintas, totalizando cerca de 15 encontros. Foi a partir dessas visitas semanais que produzi parte do material que compõe o documentário “Plantando Memórias”. Inclusive foi a partir dessas visitas que descobri que o projeto da horta se iniciou com o trabalho de uma família da comunidade, moradores do entorno da escola. Uma das meninas que frequenta as oficinas, a Jully Mesquita, é neta da mulher que se dedicou integralmente à manutenção do espaço, Menaide Mesquita. Fui até a casa deles e entrevistei a avó, a mãe e a filha, três gerações que contaram de forma sensível e carinhosa a história deste lugar tão simbólico.

Após essas pesquisas iniciais e um número considerável de observações, conversas informais e entrevistas com os jovens participantes das oficinas e outros envolvidos no projeto, comecei a desenvolver o pré-roteiro do documentário, apresentado em sua versão final aqui neste memorial. Ao construí-lo cena a cena decidi qual seria o desenho do meu documentário e quais vozes eu gostaria que estivessem presentes no produto. É sobre essas decisões que irá tratar o próximo tópico.

3.3 Escolhas e Estética

A escolha do formato documentário surgiu a partir das minhas experiências acadêmicas e profissionais ao longo da graduação. O audiovisual foi o formato com o qual eu mais me identifiquei. Além disso, acredito muito no seu potencial e alcance social.

O documentário aqui proposto é inspirado por dois dos modos do fazer documental apresentados por Nichols (2012): o observativo e o participativo. É observativo pois a intenção é mostrar a percepção e interação dos personagens sobre o espaço em que eles vivem

e estão a modificar (escola e horta). O modo participativo foi acessado já que houveram entrevistas, onde foram postas em cena as interações entre entrevistadora, cinegrafista, equipe de produção e personagens. E mais ainda, pois eu acabei me tornando também um membro ativo do coletivo Olhares (IM)Possíveis, me envolvendo nas atividades e conhecendo detalhes da vida de cada um dos personagens desta iniciativa.

Além disso, a produção, a captação e a edição do documentário foi realizada de forma conjunta com todos os membros do coletivo. As imagens presentes no produto foram feitas usando diferentes câmeras, que foram disponibilizadas para os jovens durante os dias de oficina. Após a conclusão do primeiro corte os meninos assistiram o vídeo e apontaram possíveis modificações, avalie todas e realizei. Acredito que esse trabalho de equipe, respeitando as competências de todos foi o grande diferencial do meu TCC como um todo.

Vale destacar também que a realização do meu documentário foi feita com a colaboração de duas amigas de sala, que também estavam realizando seus trabalhos de conclusão de curso concomitantes ao meu, Júlia Massa e Stepanny Rolim. Ambas também produziram documentários, porém com temáticas totalmente diferentes, mas todas com um forte apelo social. Durante todo o processo nos ajudamos mutuamente, acompanhamos as gravações, auxiliamos na produção e edição, e, claro, servindo de ombro amigo e ponto de apoio neste momento tão importante da vida acadêmica.

Além da aderência à combinação de dois ou mais modos de documentário, Nichols afirma existirem várias opções de arranjo de som e imagem disponíveis para o idealizador de uma obra audiovisual. Segundo o autor, a voz do documentário aparece a partir de um emaranhado desses arranjos selecionados e decisões editoriais tomadas.

Nichols destaca ainda que os documentários falam do mundo histórico através de imagens e sons e por isso tentam representar aspectos, questões, características e conflitos encontrados em tal mundo (NICHOLS, 2012, p.72).

Pensando na potencialidade desses arranjos, a identidade visual do meu produto será baseada no estilo de grafites. Essa escolha estética surge para representar o aspecto de construção social, que é como eu escolhi falar de patrimônio, respeitando a ideia individual de cada um dos jovens e personagens. Outro motivo relevante parte da ideia discutida por Porche (1982), pois segundo ele o estilo desenho, que engloba de certa forma o grafite, permite retratarmos em diferentes dimensões, experiências pessoais em busca de uma própria

identidade. Logo nos primeiros minutos do documentário aparecem fotografias de grafites que remetem à problematização do meu tema. A primeira frase a aparecer é “a cidade é da humanidade, mas não da comunidade”, seguida por várias outras que evocam sentidos semelhantes. Eu adquiri essas fotos através de um post que fiz nos grupos de Facebook “Topa Tudo Ouro Preto”, “Notícias Ouro Preto” e “UFOP”, com o seguinte texto e a foto abaixo: “Pessoal, alguém sabe me dizer onde em Ouro Preto tem grafites com essa frase da foto abaixo ou outros que transmitam uma ideia parecida? Caso vocês tenham fotos e/ou vídeos também por favor me mandem. É para meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, darei os devidos créditos.”

Todos os *lettering* e créditos textuais que aparecem ao longo do produto também remetem a ideia dos grafites, trazendo fontes e cores usuais da temática. Os *background* utilizados no documentário são no estilo “rap”, que mais uma vez propõem trazer a ambientação dos grafites e das artes de rua.

3.1 Apresentação do produto

3.1.1 Storyline

O documentário “Plantando Memórias” propõe uma discussão sobre a interação dos jovens ouropretanos com a cidade e os espaços em que eles vivem, a partir da construção e manutenção de uma horta escolar.

3.1.2 Sinopse

O documentário “Plantando Memórias” discute questões sobre as vivências de jovens ouropretanos de periferias com o espaço em que vivem. A proposta é, através do contato com os dispositivos de produção audiovisual, evidenciar o contraste que existe entre a Ouro Preto turística, cidade cartão-postal, e a Ouro Preto ordinária, com seus diversos planos, camadas e estruturas que existem para além do centro histórico. A produção é realizada com os alunos do Ensino Fundamental II da Escola Estadual de Ouro Preto, no bairro Bauxita, os quais fazem parte do coletivo Olhares (IM)Possíveis. São registradas oficinas, atividades e ações que propõem estimular, no seio das comunidades locais e seus, o sentimento de pertencimento e a valorização de suas memórias plurais através do cuidado e transformação da horta da escola.

Além disso, há entrevistas com o idealizador do projeto, Arthur Medrado, com a vice-diretora e ex-aluna da escola, Ronessa Teodoro, e com a família que foi responsável pelos primeiros cuidados com a horta.

3.1.3 Perfil dos Personagens

Arthur Medrado: Arthur Medrado, nasceu no Rio de Janeiro, porém mora em Minas Gerais há mais de 10 anos. Mestre em Educação e bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Com a metodologia Olhares (IM)Possíveis, desenvolvida e aplicada durante a pesquisa de mestrado ficou em 3º Lugar no 6º Prêmio AMAERJ e é com este projeto que ele segue atualmente no do doutorado do PPGCine (Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual), da Universidade Federal Fluminense. Atua e pesquisa com interesse especial nas narrativas, poéticas e estéticas das linguagens do som e da imagem transitando entre produções com fins educativos e experimentais. Acredita que educação muda o mundo e que há uma potência imprevisível nas práticas que envolvem a escuta, a arte, a experimentação e o cuidado. Resolveu escrever sempre (IM)Possível com o “im” entre parênteses.

Ronessa Teodoro: Ronessa do Carmo Teodoro é ouropretana, moradora da comunidade da Bauxita (onde fica a escola) desde 1987. Sua mãe foi funcionária da escola durante mais de 20 anos e foi através da mãe que sua história com a horta e a escola começou. Ronessa foi aluna do Polivalente no período de 1999 a 2003, o que possibilitou criar ainda mais laços com o espaço. Ela se formou em Licenciatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Ouro Preto. É mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/MG) e especialista em Educação Especial pela ISEIB/MG. É professora da educação básica desde 2011 e trabalha no Polivalente desde 2013. Atualmente ela tem os cargos de vice-diretora e professora de Atendimento Educacional Especializado.

Sandra Aparecida Guimarães Pires: Sandra possui 14 anos. Tem 5 irmãos e mora com 9 pessoas em uma casa no Bairro Bauxita. Ela não gosta das matérias escolares e seu hobbie é dançar e sair com seus amigos. Seu lugar preferido na cidade é o Clube Aluminas, que fica também no bairro Bauxita. Ela não gosta e não tem costume de frequentar o centro histórico, normalmente só vai até lá quando tem rodas de capoeira. Ela está no projeto Olhares (IM)Possíveis desde seu início no Polivalente, há 1 ano e meio. Para ela o objetivo principal do projeto é ser um ponto de cuidado mútuo. No campo do audiovisual sua preferência é por filmar e gravar stories. Seu sonho é ter sua casa própria aos 18 anos e morar com sua amiga Pâmela.

Pâmela Fernanda Fernandes Gomes: Pâmela tem 14 anos e moradora do bairro Vila Aparecida em Ouro Preto. Atualmente ela tem 4 irmãos, pois perdeu um para o câncer no dia 3 de setembro de 2019. Ela é uma pessoa muito caseira e quando ela sai de casa o seu lugar preferido é o mirante da UFOP. Só vai ao centro histórico em época de carnaval ou outras festas de rua. Ela está no coletivo Olhares (IM)Possíveis desde seu início, no Polivalente, há 1 ano e meio. Todos os dias de oficina ela tem que sair 30 minutos antes do término, pois tem a obrigação de buscar sua irmã mais nova de 5 anos na escola todos os dias, porém isso não impede sua participação. Pâmela é uma das mais assíduas no projeto, e adora fazer filmagens.

Henrique Júlio Romano: Henrique, mais conhecido como Dolinho, tem 14 anos e é morador do bairro Nossa Senhora do Carmo (Pocinho). Dolinho tem um canal no youtube de transmissão de jogos online e adora trabalhar com edição de vídeos. Essa é sua parte favorita do coletivo Olhares (IM)Possíveis, do qual ele faz parte há cerca de 1 ano. Além do projeto ele participa também dos treinos de futsal na Universidade Federal de Ouro Preto. O esporte é seu principal robbie.

Pedro Henrique Silva: Pedro, mais conhecido como Batata, tem 14 anos e é morador do bairro Nossa Senhora do Carmo (Pocinho). Ele mora somente com seu pai, pois perdeu sua mãe ainda bebê. Por esse motivo ele levanta bem cedo todos os dias para fazer as tarefas de casa enquanto seu pai vai para o trabalho, esse trabalho é um dos motivos que leva Pedro a

frequentar e ser um dos mais assíduos nas oficinas Olhares (IM)Possíveis, pois ele usa o projeto como um refúgio a rotina de trabalhos em casa e como distração.

Gustavo Martins Fortes Ferreira: Gustavo tem 15 anos e é morador da Bauxita, mora próximo a escola. Ele gosta muito de tecnologia, jogos e redes sociais, por isso uniu suas preferências e criou um canal no Youtube de transmissão de jogos online. Ele usa o vídeo também para passar o tempo e se autoconhecer.

Luís Antônio Santana Júnior: Luís tem 14 anos e é morador do bairro Nossa Senhora do Carmo (Pocinho). Ele mora com sua mãe, sua irmã mais nova e seu irmão mais velho. É um menino super antenado nas tecnologias e acredita que elas podem mudar o mundo. Desde pequeno Luís já mexe com vídeos e atualmente tem um canal de entretenimento no youtube.

Jully Mesquita: Jully tem 14 anos e é a mais nova de 5 irmãos. Mora em uma casa simples a cerca de 100 metros do Polivalente. É uma menina muito vaidosa e que adora cuidar dos seus cabelos cacheados. Jully é uma das menos frequentes no projeto, porém as poucas vezes que ela esteve presente nas oficinas foi bem produtivo e ela foi bem prestativa ao contar a história de sua vó, Menaide, que foi uma das primeiras a cuidar da horta.

Maria Aparecida Mesquita: Maria tem 53 anos e é mãe solo de 5 filhos, uma delas Jully, que também faz parte deste trabalho, outro filho também já fez parte, Warly, o garoto teve que se afastar do projeto e da escola porque engravidou uma das alunas do Polivalente e teve que procurar emprego. Maria mora na mesma casa de sua mãe, Dona Menaide, para ajudar nas despesas de casa atualmente ela trabalha de babá e faxineira e aceita também vários “bicos”.

Menaide Alves Querino Mesquista: Dona Menaide tem 81 anos. Ela nasceu e viveu sua vida inteira em Ouro Preto, no bairro Bauxita, em uma casa bem simples próximo ao Polivalente, no local moram 10 pessoas, entre filhos, netos e bisnetos de Menaide. Desde muito nova ela já exercia trabalhos ligados à terra, por isso seu conhecimento sobre plantas medicinais e demais vegetais é bem vasto, e mesmo com a idade sua memória continua ativa e ela é referência para todos no que diz respeito a culinária e remédios caseiros. Foi devido a

inteligência e sua popularidade perante a comunidade do bairro que ela foi convidada pela direção da escola para cuidar da horta e lá ela passou vários anos de sua vida até mesmo depois que seu marido teve que se afastar por conta de um problema de saúde ela permaneceu firme fazendo trabalhos braçais e tratando com muito carinho aquele espaço, até que contra sua vontade os trabalhos na horta tiveram que ser suspensos. Agora esse carinho e toda sabedoria é transmitida para seus familiares, como é o caso de sua neta Jully que tem orgulho de falar que está seguindo o caminho da vó.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu a partir das minhas inquietações sobre a cidade Ouro Preto, e foram essas problematizações individuais que me motivaram durante todo este longo e árduo processo. Sair do meu lugar comum de mera habitante temporária neste “Outro Planeta” é algo que eu acredito que todos os estudantes que aqui habitam deveriam fazer em algum momento da graduação, pois só assim podemos descobrir de fato que cidade é essa, e mais do que isso, a quem ela pertence de fato.

Espero conseguir deixar alguma contribuição para esse lugar que me acolheu e principalmente para sua população. Desejo que meu produto consiga demonstrar que existem outros olhares possíveis para além da Praça Tiradentes e que a riqueza da cidade está muito além dos museus e igrejas centenárias: está principalmente no seu povo, que ergueu a cidade através do suor negro, povo que até hoje clama por espaço e voz.

Desejo que minha produção desperte na população ouropretana o sentimento de pertencimento e que faça cada um enxergar sua importância, para que assim possam reivindicar mais seus direitos e ocupar os espaços públicos da cidade. Espero, ainda, que os órgãos públicos percebam a importância da valorização e educação patrimonial e que este trabalho seja feito a partir dos sujeitos, pois eles são a principal riqueza a ser valorizada.

Daqui uns anos, quero poder voltar na Escola Estadual de Ouro Preto e ver a horta bem verdinha e florida e principalmente dando frutos que extrapolem os muros da escola. E que o poder do audiovisual atinja e possa influenciar na modificação de outros espaços importantes para os jovens ouropretanos.

Confesso que firmar o compromisso de produzir um documentário para o trabalho de conclusão de curso sozinha foi um grande desafio, em alguns momentos tive medo, mas

desistir nunca foi uma opção, pois a todo momento tive ao meu lado pessoas reafirmando que era possível. E apesar de todos os obstáculos, como o uso de equipamentos e horários restritos, posso afirmar que fiz a escolha certa.

Um dos pontos altos desta pesquisa foi a oportunidade de conhecer cada um dos jovens do Coletivo Olhares (IM)Possíveis, pois através deles consegui renovar minhas esperanças em meio a todo este caos que vivemos atualmente em nosso país. Tive a maravilhosa oportunidade de acreditar novamente no poder da educação para e com a juventude. Pois, após o início do campo, as minhas manhãs de quinta nunca mais foram as mesmas. Era sempre o momento de recarregar minhas energias da semana, de quebrar a rotina estressante de aulas e estágio, de receber afeto, de conhecer histórias de vida, de comer aquela deliciosa merenda escolar, de colocar a mão na terra, de sentir o cheiro de hortelã na horta, de trocar conhecimentos e de enxergar os valores da minha profissão. Espero ter mudado pelo menos um pouquinho a vida de cada um daqueles jovens, como eles conseguiram mudar a minha.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Domingos. **A influência Lusa na olericultura Brasileira**. Portugal: Faculdade de Ciências do Porto, 2016.
- AMARO, Vanessa. **Vivendo na pele do outro**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.
- BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- BROWN A, DOWLING P. **Fazer pesquisa / leitura de pesquisa: um modo de interrogatório para o ensino**. Londres: Routledge Falmer, 2001.
- BRUSADIN, Leandro; SILVA, Rafael. **O Uso Turístico do Patrimônio Cultural em Ouro Preto**. Bahia: CULTUR, nº 01, 2012.
- CASTELL, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2003.
- COELHO, Denise; BÓGUS, Cláudia. **Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores**. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, p.761771, 2016.
- DIONNE, Hugues. (2007). **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro
- HORTA, Maria de Lourdes. et al. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

JORGENSEN, Danny. **Participant Observation: a methodology for human studies**, Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 1989.

LIMA, Kleverson. **Reconstrução identitária de Ouro Preto após a mudança da capital**. In: II Encontro Memorial: nossas letras na História da Educação., 2009, Mariana. Anais do II Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais: nossas letras na História da Educação, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MAGALHÃES, Triunfo. **A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

MATTOS, Aline. et.al. **Horta escolar como um espaço para além do cultivo de hortaliças**. In: V Congresso Nacional de Educação. Olinda, PE, 2018.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MEDRADO, Arthur. **Partindo do caminhando de Lygia Clark até chegar ao grupo de cinema que vai cuidar da Horta. Relato do retorno da pesquisa de campo e início do intento de cartografia da tese com estudantes da periferia de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2019.

MIGLIORIN, Cezar. et al. **Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos**. Niterói (RJ): EDG, 2016.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECAD – Editora Moderna [2]: 27 a 35 Jan./Abr. de 1993.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e o vídeo à escola**. São Paulo: USP, 2008.

MOREIRA, Carlos. **O entendimento do Patrimônio no contexto local**. Espanha: Oppidum, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus Editora, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

PEREIRA, Cláudia. **Programa de Educação Patrimônio: Ouro Preto Meu Lugar**. Ouro Preto, 2018.

PRATS, Llorenç. **Antropologia e patrimônio**. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...O que é Documentário?**. São Paulo: Senac. 2008.

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornelia. **Etnografia, saberes e práticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SANTOS, Cristina. **Educação Patrimonial nos anos iniciais de uma escola pública de Viçosa, Minas Gerais**. Viçosa, MG, 2016.

SILVEIRA, Marcos. **Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local**. São Paulo: ed. Contexto, 2001.

SILVA, E. C. R.; FONSECA, A. B. **Hortas em escolas urbanas, Complexidade e transdisciplinaridade: contribuições para a Educação Ambiental e para a Educação em Saúde**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 11, n.3, 2011.

SOARES, André; KLAMT, Sérgio. **Educação Patrimonial: Teoria e Prática**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

TOMAIM, Cássio; MOMBELLI, Neli. **Memória e identidade: um estudo preliminar sobre os usos e apropriações do passado nos documentários da TV OVO**. Questão, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

PORCHE, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?**. São Paulo: Summus, 1982.

6 APÊNDICE

6.1 Roteiro

Cena 1: Imagens do centro histórico de Ouro Preto: Praça Tiradentes e travelling da Rua dos Bancos. BG de música clássica e leve ruído do som característico de escola (vozes de crianças).

Cena 2: BG de RAP, vozes das crianças vai aumentando gradativamente. Fotos de grafites espalhados pela cidade de Ouro Preto que remetem a ideia da problematização do documentário. Começa com o “A cidade é da Humanidade, mas não é da comunidade”, e em seguida várias outras coletadas através de um post que eu fiz em alguns grupos de facebook. Lettering com o nome do autor da foto e a data que ela foi capturada. Lettering com a localização de cada uma delas.

Cena 3: Abertura com o nome do documentário se escrevendo aos poucos, com o BG de Rap ao fundo.

Cena 4: Travelling da fachada da escola levando pra dentro da escola. Para a tela no muro da horta e entra o lettering “Na Escola Estadual de Ouro Preto acontece o Projeto Olhares (IM) Possíveis, uma oficina de cinema para cuidar da horta escolar”.

Cena 5: Imagens descontraídas dos jovens na horta e nas oficinas. Áudio de cada criança se apresentando através de uma minibiografia.

Sandra - **ARQ. 00061**

00'08'' a 01'06'': Meu nome é Sandra Aparecida Guimarães Pires, minha idade é 14 anos, eu moro na cidade de Ouro Preto no bairro Bauxita. Contando comigo somos 5 irmãos, contando com meu pai e minha mãe somos 7, contando com Thaisa que mora lá também somos 8 e com Manu que ta lá agora somos 9.

01'43'' 01'57'': Eu gosto de dançar, eu gosto de conversar com meus amigos, eu gosto de ficar rindo, eu gosto de comer e de sair.

Gustavo - **ARQ. 00018**

00'01'' a 00'37'': Meu nome é Gustavo Martins Fortes Ferreira e tenho 14 anos. Eu sou aqui mesmo da Bauxita, moro aqui perto do Polivalente. Eu gosto muito de mexer com tecnologia, vídeo e esses negócios.

Pâmela - **ARQ. 00060**

00'11'' a 01'09'': Meu nome é Pâmela, tenho 13 anos, Pâmela Fernanda Fernandes Gomes, moro na Vila Aparecida. Sou uma pessoa muito legal e chata quando precisa. Eu Moro com minha mãe, meu pai, meus dois irmãos e mais meu irmão pequeno. Casa é bom, mas na escola é o lugar que eu me sinto mais feliz, porque eu estou com as pessoas que eu mais gosto né.

Pedro - **ARQ.0033**

00'01'' a 00'15'': Meu nome é Pedro Henrique Nunes da Silva, minha idade é 14 anos, moro em Ouro Preto, o que eu mais gosto de fazer é jogar, por que não tem nada pra fazer melhor.

Henrique - **ARQ. 00050**

00'01'' a 00'08'': Meu nome Henrique Júlio Romano, mais conhecido como Doly e eu tenho 14 anos e eu moro no bairro Nossa Senhora do Carmo.

Luís - ARQ. 0005

00'01'' a 00'27: Meu nome é Luis Antônio Santana Júnior, minha idade é 14 anos, eu moro no bairro Nossa Senhora Carmo, mais conhecido como Pocinho. E eu moro com minha mãe e meus dois irmãos. Eu gosto mais de tecnologia e essas coisas assim, porque os habitantes do planeta está a cada dia mais evoluindo com as tecnologias e eu também quero evoluir.

Cena 6: Entrevista Pedro, sentado, com a biblioteca de fundo. Entra lettering com o nome dele.

ARQ. 00017

02'04'' a 02'15'': Eu gosto de vim porque é legal e porque também aí eu não preciso arrumar casa né. Aí eu gosto de vim porque a gente vai lá na horta e se diverte.

Cena 7: Entrevista Sandra, sentada com a horta de fundo. Entra lettering com o nome dela

ARQ. 00061

02'54" a 04'15":Foi no tempo integral que o Arthur chegou lá pra gente com uma proposta de fazer filme aí a gente gostou da ideia eu e as meninas fizemos o filme Benedita e os meninos um noticiário lá. Aí esse ano ele pegou e falou com a gente que queria continuar o projeto aí quem quis continuar continuou quem não quis parou de fazer.

Cena 8: Entrevista Pâmela, sentada, com a horta de fundo. Entra lettering com o nome dela.

ARQ. 0060

03'16" a 03'27: Motivos foram, sei lá, eu acho legal, ajuda a gente a gente na nossa vida sem ser da escola, fora da escola também.

Cena 9: Entrevista com o Arthur, sentando e com a biblioteca de plano de fundo. Imagens de cobertura: making off da entrevista, aparecendo a câmera, eu e as crianças que me auxiliaram na entrevista. Imagens do Arthur dando as oficinas, trabalhando na horta e interagindo com as crianças.

ARQ.0015

00'35'' a 01'30'': Eu acho que muitos deles vem pela questão do vídeo e porque tem interesse em aprender sobre linguagem audiovisual, mas eu acho que é também um pouco para fugir do que é esse o cotidiano né, porque a gente nem sempre pode pensar o cotidiano da Infância e da adolescência como esse cotidiano onde tudo é fácil, onde tudo é bonito, onde só tem lugar pra brincadeira. A gente sabe pelo que eles compartilham, que muitas vezes as realidades deles e delas não são as mais fáceis né. Eu acho que é um espaço que eles encontram talvez para falar de se, para falar das suas relações e fazer isso brincando né.

Cena 10: Entrevista com a Ronessa, sentada no banco da escola, plano de fundo de grafites coloridos. Imagens de cobertura: making off da entrevista da Ronessa, pegando da tela da câmera para frente.

ARQ. 0008

10'48''' a 11'10'': Eu vejo que a escola é um refúgio muito grande para eles, às vezes das violências que eles vivem fora daqui, então o momento que eles estão na escola é o momento em que isso não acontece, é o momento que eu tenho comida, bem feita e nos horários que eu preciso, é aqui que eu tenho teto legal, que eu convivo com pessoas legais.

Cena 11: Entrevista com Arthur. Imagens de cobertura: imagens de arquivo do projeto e da oficina que deu origem a ideia de começar trabalhar na horta.

ARQ.00014

00'36'' a 01'50'': Eu ingressei no mestrado em 2016 e eu te incomodo muito grande com escola de modo geral, acho que inclusive pela minha experiência pessoal de como foi a escola para mim. Eu já tinha desenvolvido algumas oficinas que foram os experimentos dessa metodologia que é a olhares, aí no mestrado a gente aplicou, eu tinha desenvolvido por dentro do programa Sentidos Urbanos essa metodologia, que na época eu chamei escuta do indivisível, tava muito interessado em pensar como que essas imagens se relacionavam aos sintomas e sentimentos destes estudantes . E aí a gente começou esse projeto primeiro em quatro escolas, três de Ouro Preto e uma de Mariana. E depois a gente foi seguindo, até que hoje a gente tem um projeto fixo dentro da Escola Estadual de Ouro Preto, onde a gente desenvolve com nove estudantes um projeto que é um grupo de cinema para cuidar da horta.

Cena 12: Entrevista Gustavo, sentado com a biblioteca de fundo. Imagens de cobertura: Gustavo gravando um stories e usando equipamentos.

ARQ. 00018

04'03" a 04'51": Eu gosto de tudo, filmar, ser filmado e editado também, pois eu vou conhecendo mais ainda as coisas, vou aprendendo cada vez mais para deixar o vídeo mais bom, mais bonito e as fotos melhores. É pra ter mais comunhão comigo mesmo, pra eu me conhecer melhor, porque tem vez que eu falo coisa que nem eu mesmo sabia, porque desde que eu era novo meu pai trabalhava muito, aí só sobrava eu, aí eu ficava mexendo no celular, gravando, ficava eu e meus irmãos.

Cena 13: Entrevista Pâmela, sentada com a horta de fundo. Imagens de cobertura: Pâmela gravando stories e usando equipamentos.

ARQ. 00060

04'17" a 04'31": Vídeo serve para lembrança. Você tem alguém da sua família que você gravou vídeo com ela e ela faleceu aí fica uma lembrança com a pessoa. Você não vai ver ela mais mas você tem a lembrança dela com você.

Cena 14: Entrevista Luís. Imagens de Luís usando a GoPro.

ARQ. 00021

04'18" a 04'37": Quando a gente tá filmando a gente descontraí, tipo, as tem medo de falar pessoalmente com outras pessoas né, mas na câmera ela se solta, fica mais solta, fala tudo e depois pode passa pro povo.

Cena 15: Entrevista Pedro.

ARQ. 00017

03'08" a 03'35": Legal né, grava a gente. As vezes tem um momento bom que você não lembra aí você vê o vídeo e relembra. Igual, às vezes você vai em um lugar histórico e não lembra, é uma forma de guardar um momento histórico.

Cena 16: Entrevista com Ronessa. Imagens de cobertura: planos fechados da mão das crianças nos equipamentos, imagens deles ensinando um ao outro a mexer nas câmeras.

ARQ. 0008

15'07'' a 16'00'': Pensando nessa questão do público que vocês estão trabalhando são meninos que eles provavelmente eles não têm muita noção do que audiovisual, porque eles não têm acesso a essas coisas, eles não têm computador em casa, às vezes os que tem celular eles também não conseguem se apropriar daquilo para poder fazer um uso bacana. Então assim, eu vejo como uma oportunidade de abrir uma janela para certas coisas que eles nunca teriam acesso, porque às vezes a escola não tem preparo para trabalhar essas questões com eles e eles não vão ter acesso fora da escola.

Cena 17: Entrevista Arthur. Imagens de cobertura: das crianças com os mais diversos equipamentos de produção audiovisual na mão e deles filmando um ao outro com os equipamentos diferentes.

ARQ.00014

02'41'' a 06'00'': O objetivo é trabalhar com essas histórias de vida a partir do que eu tô entendendo como o testemunho audiovisual, mas hoje em dia eu tô muito focado em pensar esses processos e esses encontros, como práticas de cuidado mesmo, pensar como que o cinema como que a arte pode oferecer uma possibilidade de cuidado, como que essa escuta pode ser uma ferramenta de cuidado, para além do vídeo. Para aprender alguma coisa sobre linguagem audiovisual me interessa muito encontrar essas pessoas e trocar com elas entendendo que ali a gente pode ser se entender mais, se constituir. O processo inteiro que envolve um vídeo acontecer precisa de várias capacidades, e aí não necessariamente as pessoas estão enrijecidas nas suas funções. E eu acho que esse transitar permite que cada potencialidade, de cada um seja explorada né, porque é um vídeo é sempre um objeto de invenção alguém ou algum grupo inventou para aquilo acontecer né. E aí sei lá se a pessoa gosta de escrever tem lugar para o texto, se a pessoa tem lugar para imagem obviamente, se a pessoa gosta de atuar tem lugar, se a pessoa mexe com música tem lugar, e se você não gosta de nada disso, mas como a gente fala é do corre e gosta de fazer acontecer tem um lugar na produção para isso.

Cena 18: Imagens do centro histórico se contrapondo com imagens do bairro bauxita, do pocinho e demais periferias, pessoas andando na rua em um ritmo muito rápido, bg animado, vai abaixando o BG e entrando as entrevistas.

Cena 19: Travelling do centro até a entrada do bairro Bauxita. BG de Rap ao fundo.

Cena 20: Entrevista Sandra e aparecendo minha voz ao fundo fazendo as perguntas.

ARQ. 00061

02'30" a 02'40": “Mas você prefere lá ou aqui?” Eu acho que eu prefiro meu bairro, porque aqui eu conheço quase todo mundo. “E vc tem costume de ir ao centro?” Mais ou menos. “Com qual frequência você vai lá?” Quando tem roda de capoeira lá.

Cena 21: Entrevista Pâmela.

ARQ. 00060

01'54" a 01'57": No centro, eu não sou de ir lá não, só quando tem carnaval essas coisas né.

Cena 22: Entrevista Ronessa. Cobertura com imagens das crianças caminhando pela escola.

ARQ. 00010

00'53" a 01'04": Tem menino que quando a gente fala de Ouro Preto, falam “não, mas eu moro no Pocinho”, não é parte de Ouro Preto, porque Ouro Preto é aquela cidade bonita que mostra na TV né.

02'18" a 02'37": Eu tenho certeza que se a gente pegar aqui e perguntar para os meninos, vão ter alguns que não nunca foram no centro histórico, no próprio Mirante tinha menino que nunca tinham ido né, imagina no centro histórico em determinadas regiões que são super elitizadas mesmo.

03'10" a 03'28": É uma memória que tá se passando de geração para geração, eles novinhos já tem essa noção, aí eu moro na favela, aí moro no bairro feio, num lugar que é desprestigiado, é uma série de coisas que é preocupante de se ver.

Cena 23: Entrevista Arthur.

ARQ. 00014

06'14'' a 07'00'': Inserido neste contexto de Ouro Preto, uma cidade patrimônio, um dos maiores perímetros tombados da América Latina, toda a presença do IPHAN, em relação a isso não só eu, mas eu acho que várias pessoas que estão produzindo cultura aqui na cidade tem esse incômodo com toda essa borda né, com tudo que tá fora, e eu particularmente tenho uma visão da educação patrimonial, que ela tem que focar nos sujeitos, que ela tem que está sempre entendendo quais são as referências culturais dos sujeitos, que muitas vezes estão na borda, estão na margem e estão nesse outro lugar da cidade. A gente sabe que o centro da cidade ele é muito focado em receber o turista e o estudante, aí a população de fato se sente muito distanciada desse centro histórico.

08'12'' a 08'50'': Especificamente pensando essa questão de como que a gente pode com o cinema, com esse processo subjetivos do cinema, pois quando eu falo de cinema não tô entendendo um filme, eu tô entendendo tudo o que acontece durante esses encontros né, como que cinema pode ser uma construção de contra-monumentos, de como que a gente pode inventar outras coisas que tem valor e mudar o valor das coisas para construir junto com as comunidades, com esse grupo agora, locais de pertencimento, questões de memória coletiva.

Cena 24 : Travelling da horta até o portão da casa de July. Depois imagens de cobertura do making off da entrevista com a vó da July. BG de Rap.

Cena 25: Entrevista com a avó da July, Dona Menaide, sentada no sofá de sua casa. Imagens de making off da entrevista, July e eu entrevistando e gravando juntas.

ARQ. 2661

00'25'' a 01'41'': Os meninos começaram a trabalhar lá e falaram assim: Oh pai, você mais a mãe poderiam trabalhar lá também, plantar uma hortinha pra nós. Aí a gente falou: nós vamos, uai, aí a gente foi, arrumamos esterco, capinamos lá tudo, cultivamos a terra, aí depois fizemos os canteiros, plantamos couve, cebolinha, aí começamos a plantar alho, repolho, dava de tudo lá, aí começamos a plantar as bananeiras, ficamos mudas de laranja. Aí começou a dar laranja, jaboticaba... tudo tava tendo lá. Depois começou a parar de plantar, porque ele tava ficando cansada, o esterco tava acabando, aí ele saiu e eu fiquei sozinha, pelejando lá sozinha

e capinando, plantando muda de chá, tinha tudo que era chá, manjerona, poejo, uma erva que chama Paris... aí eu deixei tudo lá, nem sei se ainda tem.

Cena 26: Entrevista mãe da Jully, Maria Aparecida, sentada em uma cadeira na sala, com uma planta do lado. Coberta com imagens de making off da entrevista, Jully e eu entrevistando e gravando juntas.

ARQ. 2664

01'08'' a 01'36'': Meu pai, os dois mexiam na horta e escolhiam de tudo lá, de um a tudo. Eles foram convidados pelo João Cândido e como eles sempre gostaram de mexer na terra eles foram. Aí começaram a cuidar e aí foi assim até um certo tempo.

02'01'' a 02'12'': O tempo que eles ficaram lá pra eles foi uma terapia né, viver no meio do verde, foi muita coisa boa.

02'34' a 02'57'': Aí a Prefeitura pediu o terreno né, aí tiveram que abandonar né, aí um tempo tava só mato puro, mas aí por agora começaram a mexer de novo, aí quer dizer que foi uma coisa boa né, porque tava parecendo muito bicho lá na época, então foi uma boa coisa.

03'52'' a 04'04'': Aí a gente ia lá pra visitar, porque aí eu tinha prazer de ver aquelas coisas lá tudo verde e bonitinhas. E essa horta não pode morrer, deve ser um incentivo pras crianças

06'08 a 06'59'': E até hoje ela sente falta, porque às vezes a gente lembra, conta história aqui da horta. Oh Mãe, aquelas abóbora de itu que a gente panhava lá, apanhava mesmo menina, aquelas abóboras deste tamanho, aquilo pro meu pai era um troféu né. Igual, hoje você vai na feira pega três folhas de couve no supermercado, na horta dela vinha igual um buquê, dava uma satisfação pra gente, sabe, ver ela com a mão cheia de verduras. Aí as pessoas falavam: Oh Mesquita, arruma uma verdura pra mim, aí minha mãe ia lá, buscava e dava pra pessoa. E daí por diante né, porque a gente é muito antigo aqui, moramos aqui há mais de 20 anos.

Cena 27: Entrevista com a Jully, sentada em um banco, pegando um coqueiro e um pedaço do bairro de fundo.

ARQ. 00040

00'37'' a 00'49'': Minha começou a cuidar da horta e ela me ensinou muitas coisas, aí agora eu tô seguindo a reta dela, tudo que ela me ensinou eu posso fazer na horta.

Cena 28: Entrevista com Luís, coberta com algumas imagens dele trabalhando na horta.

ARQ. 00021

02'19'' a 02'38'': A horta significa porque muito, porque muitas escolas não tem horta né. E é bom pra gente distrair também né, pra gente conhecer mais gente no projeto.

Cena 29: Entrevista Pâmela, coberta com algumas imagens dela trabalhando na horta.

ARQ. 00060

05'18" a 05'27": Se a gente não tivesse a horta na escola a gente não teria salada direito, pq o que comemos aqui é através da horta. Se não tivesse nem comeria.

Cena 30: Entrevista Sandra.

ARQ. 00061

06'16" a 06'29": Eu acho que é bom cuidar da horta, que é muito importante também, que a gente planta coisas saudáveis e bom pra nossa saúde.

Cena 31: Entrevista com Arthur. Imagens para cobertura de planos detalhes das mãos das crianças na terra, de raízes de plantas e deles segurando algumas flores.

ARQ.00014

09'58'' a 11'30'': Quando a gente estava fazendo uma oficina mais longa, a gente lançou essa pergunta “o que vocês querem fazer no segundo semestre, que a gente possa começar hoje para e seguir?”. Aí eles apresentaram as ideias da horta, eu acho que essa temática é muito importante, por trabalhar diretamente com o território, pois eu acho que quando você cuida da terra você consegue observar todas essas outras terras, a partir de uma outra perspectiva né. Eu acho que tem essa questão de voltar a origem né, voltar isso que é o plantar, o colher, que

para mim é muito importante. Eu acho que sem saber ou inconscientemente não sei, eles têm um discurso muito contemporâneo né, no país onde agora a gente aprova todos os agrotóxicos e cada vez mais a gente tem comida comida com veneno, eles escolherem cuidar de um espaço onde se produz alimento e produzir seu alimento de outra forma, com outra temporalidade, com outros tipos de mecanismo utilizando o cinema né, que é uma ferramenta que teoricamente não está tão próxima da horta, pois teoricamente a gente não suja a mão de terra para depois mexer na câmera né.

Cena 32: Entrevista Gustavo. Cobertura com imagens dele subindo em uma árvore.

ARQ. 00018

01'40" a 01'56": Desde novo eu ajudava meu pai na horta né, aí eu comecei a gostar de planta de mexer na terra. E desde aí eu comecei a ter interesse com plantas aí quando deram essa ideia eu gostei também e concordei.

02'06" 02'17": Pra mim significa minha infância porque desde novo eu já mexia em horta então lembra o passado. Da pra mim pegar minhas lembranças e lembrar delas com mais alegria.

Cena 33: Entrevista com Ronessa. Imagens para cobertura de planos detalhes das mãos das crianças na terra, de raízes de plantas e deles segurando algumas flores.

ARQ. 0008

12'54" a 14'31": São meninos que vêm de zonas mais carentes, onde eles têm muita terra, Aqui é como se fosse uma extensão da casa deles, então eu acredito que o espaço da horta pode remeter muita coisa boa para eles. Tanto de resgate de coisas da infância e de onde eles vivem, do meio onde eles vivem. O que eu vejo por exemplo um certo distanciamento, eles ficam meio sem lugar quando a gente sai com eles e leva em algum lugar, às vezes um lugar muito chique tal, tipo assim espera esse lugar não me pertence, e a horta é como se ele fosse algo natural, é uma sensação de pertencimento mesmo. Eu acho que isso tudo favorece mesmo essa construção até de pensar nessa questão de uma identidade positiva né em virtude de tantas coisas que eles têm no meio onde eles estão e de repente voltar a atenção deles para isso pode ser muito positivo.

Cena 34: Vários dos entrevistados respondendo a mesma pergunta: o que você quer para horta.

Luis- **ARQ.00021**

02'53'' a 03'05'': Eu quero que a horta melhore, pra gente pegar os frutos de lá, pra gente fazer a comida da escola né, que aí vai ser bem natural, sem agrotóxicos.

Pedro- **ARQ.00017**

05'50'' a 06'19'': Melhorias, a gente poder ter um pé de fruta e a gente poder ir lá de tarde pegar né, porque tipo, as pessoas que trabalham na escola eles deixam ir lá, mas nós nós não, lá fica fechado né. Só na hora do almoço que abre pra pegar as coisas e tal, de resto fica fechado. Aí podia deixar a gente mais livre pra ir lá e até as vezes pra cuidar.

Gustavo - **ARQ.00018**

02'33'' a 02'40'': Bom eu quero que ela continue crescendo, que tenha mais plantações e possa aumentar o espaço.

Pâmela- **ARQ.00060**

06'09'' a 06'19'': Eu quero o melhor, que ele fique melhor daqui pra frente, que a gente consiga melhorar ela mais, igual ela era antes.

Sandra- **ARQ.00061**

10'15'' a 10'23'': Eu quero que ela volte a ser como era antes bonita, que de bastante frutos, é isso que eu quero pra horta.

Arthur - **ARQ.00015**

03'56'' a 05'00'': Eu quero que a horta de um monte de coisa, um monte de frutos, um monte de flores. Eu quero que a gente possa também conseguir ver com a horta da capacidade que a gente tem de modificar as coisas e que quando a gente permanece no lugar cuidando das pessoas desse lugar e das coisas vivas desse lugar né, porque o que é muito interessante da

horta é trabalhar com outras coisas vivas que não são seres humanos. E quando a gente tá lá trabalhando e cuidando dessas coisas vivas eu quero que a gente consiga perceber uma mudança nessa horta. E eu quero também que a gente consiga chegar no lugar tão bom com essa hora que a gente possa também sair dela. Eu quero que ela não morra de verdade.

Cena 35: Imagem de plano geral de todas as crianças na horta. Efeito de transição riscando a tela até ficar tudo preto e descer os créditos.

Cena 36: Todos os jovens juntos posando para uma foto, imagens do céu e travelling geral da horta. Sobe BG de Rap.

Cena 37: Entra tela dos créditos, continua o BG de Rap.

Cena 38: Tela preta com logo da UFOP e do ICOSA.